



## A INOVAÇÃO DA DOCÊNCIA EM TEMPOS DE LIQUIDEZ

Paula Lemos Silveira  
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)  
Vaneza Silva da Rosa  
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

### Eixo 2- Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação

O presente texto discute possibilidades de pensar a docência num tempo afetado pela liquidez, sinalizando para possíveis inovações. A nossa discussão se pauta na docência enquanto profissão que transcende o fazer pedagógico no contexto educacional, a qual poderá ser capturada por discursos que a convoquem para a inovação. Conseqüentemente, tais inovações resultam em um movimento de mudanças de posturas, práticas e relações com os sujeitos envolvidos na construção do conhecimento coletivo. Na busca acelerada pelo consumo das informações, conhecimentos, oportunidades de trabalho, mudanças na vida pessoal e profissional porventura, o longo prazo esteja cedendo lugar para a instantaneidade afetando diretamente as experiências de vidas humanas. Nesta relação à docência é apontada como um protótipo quando se buscam mudanças nesses tempos efêmeros. Contudo isso, a problemática deste trabalho sinaliza a seguinte questão: Como pensar a inovação da docência em tempos de liquidez? Com base nesta problemática temos por objetivo analisar a inovação da docência em tempos de liquidez. No delineamento da problemática bem como do objetivo, desenhamos os nossos percursos metodológicos, os quais se caracterizam por uma abordagem bibliográfica, considerando os estudos de ARENDT (2017), BAUMAN (2001, 2008), LARROSA (2015), LIPOVETSKY (2004), a fim de que possamos propor discussões acerca da inovação da docência em tempos de liquidez. Para traçar possíveis percursos a esta inovação, fizemos referência ao consumo, apontando a hipótese de uma consolidação do desejo de possuir no aqui e agora. Provavelmente, a proximidade se dilata entre o hoje e o amanhã, para não haver quem sabe, a vontade da espera. Concernente às discussões elencadas Lipovetsky (2004, p.79) destaca:

ninguém duvida de que, em muitos casos, a febre de compras seja uma compensação, uma maneira de consolar-se das desventuras da existência, de preencher a vacuidade do presente e do futuro{..}. Mas será que essa febre não é apenas escapista, fuga em face de um mundo desprovido de futuro imaginável e transformado em algo caótico e incerto? (LIPOVETISKY, 2004, p.79).

Entretanto, talvez seja pertinente também pensar no consumo em tempos que possam ser renovados e não apenas efêmeros, com sentimentos que traduzem um reinventar a cada dia, outras maneiras de viver e também de compreender como o consumo afeta as vidas das pessoas. Quem sabe, teríamos olhares diferentes, interpretando de outras maneiras. Contudo, se os líquidos vazam, esvaziam-se, a cada momento, temos oportunidades na sociedade caracterizada pela fluidez de recriar o nosso tempo, resistindo a sentimentos que nos tornam insensíveis aos outros.

Dito isto, nas discussões, aqui delineadas, consideramos os estudos de Bauman (2001) para entendermos este tempo usando a metáfora da liquidez, no qual, o autor destaca os fluidos para se referir a uma efemeridade temporal, os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la. “Os fluidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, vazam, {...} diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam o seu caminho” (BAUMAN, 2001, p.8).

Com isso, as mutações provocadas pela liquidez, conseqüentemente, afetam o contexto educacional e social, intensificando para a docência a necessidade da inovação. Inovação que poderá ser direcionada para a formação permanente, mas também para um repensar na docência enquanto vidas que são trajetórias pessoais e profissionais. Tendo em vista, que a educação como um espaço público e debate político se transformou como diz Arendt (2017) em um espaço ocupado pelo mercado, com resistências a pluralidade de opiniões. Talvez, estejamos experienciado uma crise educacional que segundo Bauman (2008, p. 164) é, “antes e acima de tudo, uma crise de instituições e filosofias herdadas”. Portanto, sofremos uma depreciação de nossa área do saber, em que o pensar, refletir, está sendo desvalorizado e as respostas da docência para essa educação projetam-se nos caminhos da inovação tentando amenizar os sentimentos de crise e ausências.

Assim, não temos a intencionalidade de elencar respostas que apontem julgamentos como o certo ou errado para essa inovação, mas sim provocar diferentes modos de pensar na docência em tempos que são conduzidos pela leveza dos movimentos, analisando como a docência poderá ser afetada por esta inovação e de que maneira responde em sua personalidade e profissionalização. Com base nos estudos de Gadotti (2009) a inovação no contexto educacional sinaliza para “a implementação de uma mudança no sistema de ensino, com o objetivo de produzir melhoria no cumprimento de suas finalidades, renovadas, em função de uma concepção emancipadora da educação.” (GADOTTI, 2009, p.29)

Neste sentido, a expectativa é de mudanças quando se fala em inovação, chamando atenção para um marcador fundamental a intencionalidade. A inovação não ocorre despreziosamente, sem interesses vigentes, que poderá ser explícito ou não. Ações inovadoras correspondem a determinadas intenções, guiada por fins específicos, e assim, podemos apontar que os professores são os principais atingidos, nas estratégias de inovação, pois estas incidem diretamente sobre o ensino. Deste modo, sentem-se envolvidos por um sentimento de não preparação devido à simultaneidade das mudanças ocorrentes. Mediante as considerações elencadas podemos pensar que a docência ao ser interpelada pela inovação busca refúgio em uma não preparação, sendo afetada por um sentimento de estar atrasada em um tempo que intitula o investimento contínuo. Para Larrosa (2015, p.23)

cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre que aproveitar o tempo, que não pode ficar para trás, por isso, mesmo por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, esse sujeito já não tem tempo. (LARROSA, 2015, p.23).

Com as palavras de Larrosa (2015) entendemos que nos tempos de liquidez, quem sabe, haverá a ausência de um modo de pensar, sentir e permitir, ser tocado pelos conhecimentos na lentidão. Pois, os mesmos poderão ser sufocados pela emergência da inovação. As experiências, por sua vez, tornam-se marcadas pelo tempo cronológico e não pelo tempo dos afetos e dos sentidos. Estamos mais tempo nas instituições de ensino, mas, com menos tempo, talvez de ser interpelado pelos afetos e sensibilidade humana. Estamos gerenciando a nossa formação, contudo nos ausentamos de escutar e entender o humano que também atua na docência. Em busca da compreensão da docência e do “Ser Docente”, que segundo MEIRIEU (2019), ser docente é uma maneira particular de ser no mundo, torna-se relevante analisar a docência em diferentes espaços de convivências intersubjetivas, de enfrentamentos diversos, de experiências de si e de outros, de convivências em um espaço educacional formativo, ou seja, investigar o espaço universitário como de produção de subjetividades, mais especificamente, da subjetividade-educador em que essa docência tem se apresentado como uma etapa importante no processo de aprender a ser docente.

Enfim, ao pensar em possibilidades de análise sobre a inovação da docência em tempos de liquidez é significativo pensar nos professores enquanto pessoa e como essa inovação, encobre a sua pessoalidade, quem sabe, por razões políticas, econômicas, ou

por um número que quantifica o valor da docência em termos de certificações. Os professores sentem a necessidade de mudanças, inovações pedagógicas, às situações de ensino diferentes daquelas até então experimentadas. Por isso, é preciso conhecer a proposta de trabalho político pedagógica, transformá-la em atividades possíveis de realização em sala de aula. Assim, o trabalho intelectual dos professores com relação às mudanças, se manifestam nas decisões em seus posicionamentos, bem como nos empreendimentos a serem realizados para operacionalizá-las, envolvendo também além do conhecimento a reelaboração de novos. Ao propormos discussões sobre a inovação da docência em tempos de liquidez, sinalizamos a hipótese de que esta poderá responder com flexibilidade às mudanças que a impulsionam para um investimento contínuo, ou seja, um empreendedorismo de si. Apesar disto, é possível resistir, buscar nas linhas de fuga, sentidos para compor a docência enquanto obra de arte tocada pela vida por conhecimentos formativos atenuantes ao seu modo de ser pessoa e profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** docência; inovação; tempos líquidos;

#### **REFERÊNCIAS:**

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. In: A condição humana. 13. ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, p. 9-26.
- BAUMAN, Zygmunt. **Educação: sob, para e apesar da pós-modernidade**. In: A sociedade individualizada. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 159-177.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro Zahar, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo**- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. São Paulo Perspec. [online]. 2000, vol.14, n.2, pp.03-11. ISSN 0102-8839
- LARROSA, Jorge. Tremores. **Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte. Autêntica 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna**. In: LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004, p. 49-104.
- MEIRIEU, Philippe. **Carta a um Jovem Professor**. Porto Alegre: Artmed. 2006.